



Rompendo Fronteiras Manifestações Tradicionalistas Gaúchas em Santa Catarina¹

Ariele Silverio Cardoso²

Maria Elisa Máximo³

Instituto Superior Luterano de Educação de Santa Catarina (Ielusc), Joinville, SC

Resumo

A criação de lugares de preservação dos costumes (os CTGs) e a revitalização da memória tradicionalista permitiram a transmissão dos costumes gaúchos a outras culturas. Começou, então, a haver uma troca de signos e códigos entre indivíduos de culturas diferentes. O gaúcho começava a estabelecer o paralelo entre o seu mundo e o do outro. O CTG Chaparral é foco deste estudo pois tornou-se o principal meio de manutenção do tradicionalismo gaúcho na cidade de Joinville. É o primeiro CTG fundado na cidade e realiza com periodicidade grandes eventos alusivos à cultura tradicionalista gaúcha. Este artigo analisa as manifestações tradicionalistas gaúchas em Joinville, partindo do estudo de caso do CTG Chaparral e refletindo sobre o processo de transmissão da cultura.

Palavras-chave

Cultura; Identidade; Tradicionalismo Gaúcho.

Como tudo começou

A história do tradicionalismo gaúcho tem início no dia 05 de setembro de 1947, quando João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes foi convidado a prestar uma homenagem a Canabarro, um dos heróis da Guerra dos Farrapos⁴. Seus restos mortais estavam sendo transladados de Santana do Livramento para Porto Alegre. Paixão Côrtes resolveu reunir alguns colegas estudantes do Colégio Júlio de Castilhos, da capital, para desfilar pilchados⁵, o que mais tarde culminou em uma semana e meia de comemorações.

¹Trabalho apresentado no DT IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Recém-graduada pelo Curso de Comunicação Social - Jornalismo do Ielusc. E-mail: ariele_sc@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Ielusc. E-mail: elisamaximo@gmail.com

⁴ Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha: Aconteceu no período de 1835 a 1844. Os Farroupilhas voltaram-se contra o Império, pedindo maior autonomia política e revoltados com a centralidade do governo e a pouca atenção econômica dada à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (hoje somente Rio Grande do Sul).

⁵ Pilcha: Diz-se da indumentária tradicional do gaúcho (bombacha, lenço, guaiaca, vestido de chita...).



Naquele 07 de setembro de 1947, Paixão Côrtes retirou uma centelha da Chama da Pátria e transformou-a no que hoje conhecemos por Chama Crioula. Foram realizadas diversas palestras, exposições, festas e desfiles até o dia 20 do mesmo mês, data em que se comemora o início da revolução Farroupilha. Todos os eventos estavam relacionados à memória da Revolução e dos costumes tradicionalistas. Côrtes relata como era o comportamento na época:

Não se tomava mate publicamente e nem havia churrascarias comerciais, não se tocavam as músicas nativistas e nem se vestiam roupas tradicionalistas. Tudo isso estava escondido nos galpões. (...) Até 1947, nas cidades, esse gaúcho era tachado de grosso, caipira. A própria sociedade rural do interior não valorizava seus elementos nativos (CÔRTEZ, 2007, p. 09).

A Ronda Crioula que homenageou Canabarro deu ânimos aos jovens que, passadas as festividades, criaram um Departamento de Tradições Gaúchas em uma pequena sala no “Julinho”, como era conhecido o colégio. As mateadas⁶ logo reuniram mais pessoas e, em 1948, 24 integrantes do departamento decidiram criar um Centro de Tradições Gaúchas, o primeiro que se têm notícias, chamado 35 CTG. A partir deste momento, criou-se um lugar de propagação e de preservação da memória e costumes gaúchos. Logo os CTGs se espalharam pelo Rio Grande do Sul e pelo país e foi necessária a criação de um órgão superior, que regulamentasse e fiscalizasse as atividades. Com esse objetivo foi fundado o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), em 27 de novembro de 1967.

A iniciativa traduz-se, por assim dizer, em uma institucionalização do movimento. Essa organização permitiu a abertura da cultura tradicionalista gaúcha para pessoas até então externas a essas tradições. Pessoas que não nasceram naquele contexto ou que ainda não haviam tido nenhuma forma de contato com os costumes gauchescos eram, agora, convidadas a se inserirem no âmbito do cultivo de um conjunto de práticas e vivências circunscritas no que passou a ser conhecido como “tradicionalismo gaúcho”.

Stuart Hall, utilizando ideias de McGrew, explica como é possível identificarmos o processo de revitalização (globalização) da cultura: “Como argumenta Anthony McGrew (1992), a ‘globalização’ se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado.” (HALL, 2003, p. 67). As

⁶ Mateada é o nome dado à roda de chimarrão, onde gaúchos tomam mate e trocam causos e histórias.



fronteiras geográficas já não eram obstáculo para o tradicionalismo gaúcho. Romperam-se as barreiras e a cultura de CTG passou a ser global. Para Oliven, a propagação da cultura tradicionalista gaúcha está diretamente ligada à migração de pessoas que mantinham e cultivavam aqueles costumes.

As décadas de oitenta e noventa foram marcadas por um intenso crescimento das coisas ligadas ao Rio Grande do Sul com a disseminação de Centros de Tradições Gaúchas em todo o estado, em outros estados e países para onde migraram gaúchos, surgimento de vários festivais de música nativista, rodeios, programas de televisão e rádios. Colunas de jornais, livros e editoras especializadas, restaurantes, etc. Trata-se de um mercado de bens simbólicos e materiais que movimenta um grande número de pessoas e que está em expansão. (OLIVEN, 2006, pp. 11-12).

Com a desterritorialização da cultura tradicionalista gaúcha, levanta-se uma importante questão: Como manter os costumes fiéis às suas origens? Quais são as garantias de que o tradicionalismo gaúcho permaneceria inalterado, sendo apenas repassado de pais para filhos, como acontecia até então?

Desencaixe: a questão da identidade na “dispersão” do tradicionalismo gaúcho

A influência dos estados em que foram instalados os CTGs era evidente. Obviamente, à medida que mais pessoas aderiam ao tradicionalismo, maior era sua possibilidade de transformação. Segundo Hall, a transformação da cultura e suas diferentes interpretações a partir deste momento são naturais:

À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 2003, p. 74).

Assim, podemos entender as diferenças existentes nas manifestações tradicionalistas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, por exemplo. As diversas mudanças pelas quais a cultura passou durante sua desterritorialização tornaram as manifestações muito distintas. É impossível pensarmos em uma cultura única, sem diferenças. O tradicional, na verdade, passa por diversas traduções até chegar ao indivíduo que hoje pratica os costumes gaúchos. Além disso, cada costume será



interpretado de forma diferente, dependendo do próprio indivíduo que o pratica, sua vivência e suas experiências anteriores.

O que acontece com o tradicionalismo gaúcho pode ser considerado um processo de *desencaixe*, conforme conceitua Giddens. A configuração de identidades múltiplas por parte de seus integrantes e até mesmo a sua “infiltração” em outros estados acaba por deslocar suas características de origem. O *desencaixe* é característica iminente da modernidade, que dilui o que conhecemos por espaço-tempo, tornando tudo mais próximo e mais ágil. *Desencaixe* é como o autor define “o descolamento das relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação através de partes indeterminadas no espaço-tempo” (GIDDENS, 2002, p.25).

Uma das questões que permeiam este trabalho questiona a linha tênue entre o que é tradicional e o que foi introduzido posteriormente no tradicionalismo. Como podemos afirmar que a cultura tradicionalista gaúcha, por exemplo, é a mesma de 100 anos atrás? Simplesmente não podemos.

O MTG em Santa Catarina

A cultura tradicionalista catarinense ganhou força a partir da criação do MTG de Santa Catarina, fundado em 18 de maio de 1973. Com a institucionalização, muitas pessoas que antes não conheciam a cultura tradicionalista gaúcha ou conheciam por reportagens ou livros, puderam ter contato e fazer parte do tradicionalismo. Tornaram-se gaúchas. Hoje, com mais de 573⁷ CTGs filiados, o MTG-SC é um dos principais órgãos tradicionalistas do Brasil.

Santa Catarina possui a maior quantidade de CTGs por estado⁸. São 1800, contra 1500 no Rio Grande do Sul (dados de 2000). Os números são expressivos, e demonstram quão importante se tornou a criação destes locais de preservação da cultura tradicionalista para os adeptos do “gauchismo”. Os rio-grandenses, à medida que migraram para outros estados, passaram a organizar-se para continuar as práticas de sua terra, de sua gente. Os bailes, concursos e demais eventos do tradicionalismo então passaram a ser realizados nesses novos CTGs e Piquetes, longe de sua terra natal. Existem hoje aproximadamente 12 CTGs em Joinville, sem nenhum grupo artístico ligado a eles. Já os piquetes, somam 50. A única entidade artística registrada no MTG

⁷ Dados coletados na página do MTG-SC em 10/11/2010, às 20h57. <http://www.mtgsc.com.br/filiacao/CTG.pdf>

⁸ Fonte: CÔRTEZ, J. C. Paixão. **Tradicionalismo Gauchesco – Nascer, Causas & Momentos**. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2001.



como sendo de Joinville é o Grupo Artístico Amigos do Chimarrão. Ou seja, são 50 piquetes ligados a 12 CTGs que representam a área campeira, enquanto a artística se resume a um único grupo folclórico em toda a cidade.

A cultura tradicionalista gaúcha praticada fora do Rio Grande do Sul, porém, gera ideias que vão de encontro aos objetivos de alguns idealizadores do movimento organizado. Paixão Côrtes, um destes precursores, acredita que a divulgação do tradicionalismo gaúcho é necessária: “temos que partir do regional para o universal e trazer o universal para o galpão. O importante é não perdermos nossas raízes mais puras” (CÔRTEZ, 2007, p. 08). Mas, segundo o autor, é preciso unir forças para fazer com o que o tradicionalismo gaúcho permaneça com uma única essência, não se altere com o passar dos anos. Seu objetivo, com isso, é basicamente econômico. O autor preocupa-se com as pessoas que não conhecem a cultura e têm seu primeiro contato nos CTGs:

O movimento também está colaborando com a economia, com o turismo, porque vêm muitos turistas querendo conhecer a música, a dança, comprar discos, beber o nosso vinho, tomar chimarrão, degustar nossa gastronomia. Daí o cuidado e a responsabilidade que temos para que essas mensagens culturais, artísticas, campeiras, tenham sustentáculo baseado na pesquisa, na documentação e fuçamos do fantasioso gracioso e dos uniformes militarizados (CÔRTEZ, 2007, p. 08).

O autor defende a padronização para avaliar o que pode e o que não pode ser considerado como tradicionalismo gaúcho. Foi então que as pilchas, coreografias, músicas, entre outras atividades, passaram a ter regulamentação para sua execução e utilização. Acontece, porém, que cada MTG é responsável pela fiscalização e pela organização de seu estado, e não se pode exigir que todos eles ajam da mesma maneira. O resultado é amplo e diversificado: O tradicionalismo gaúcho praticado em Santa Catarina é diferente do praticado no Rio Grande do Sul, que por sua vez é diferente do Paraná, e assim sucessivamente. Os MTGs adotam os critérios que consideram “ideais” para comporem seus regulamentos, e muitas vezes eles divergem uns dos outros.

Em Santa Catarina, as ideias de Paixão Côrtes são bem-vindas, ao contrário do Rio Grande do Sul, que não adota os modelos de pilcha desenhados por Marina Paixão Côrtes (sua esposa), nem mesmo suas coreografias para as danças folclóricas. Em comentário a uma ilustração de dança feita por ele em uma de suas obras, Côrtes comenta a necessidade de os CTGs e grupos artísticos manterem

um repertório significativo e um diversificado e correto guarda-roupa do “peão”, da “prenda”, do “biriva”⁹, tipicamente gauchesco, de diferentes épocas, seguindo figurinos de Marina M. Paixão Côrtes, e longe de errôneas uniformizações de modelos, cores e padrões, que acabam despersonalizando o usuário e motivando “Invernadas” apalhadamente fantasiadas (CÔRTEES, 2001, p. 27)

Para ilustrar esse pensamento, exibo duas fotografias. Uma, demonstrando as pilchas consideradas “corretas” pelo MTG de Santa Catarina, que adota o “estilo” Paixão Côrtes (Imagem 1). Note que as cores dos vestidos são diversificadas e eles possuem pouquíssima armação. As peças são confeccionadas com tecidos lisos com detalhes estampados, ou vice-versa. A armação é confeccionada com algumas camadas de tecido em algodão, não sendo permitida a utilização de filó. Os tecidos sintéticos (seda, cetim, etc) não são permitidos na confecção dos vestidos, exceto em pequenos detalhes. Esta imagem retrata as prendas do grupo Amigos da Tradição, de Itajaí – SC, em apresentação no Festival Catarinense de Arte e Tradição Gaúcha (Fecart) de 2008, em Piratuba – SC.

IMAGEM 1¹⁰

Fonte: <http://www.orkut.com.br/>. Álbum de Eronides Terezinha Zimmermann



Prendas do Grupo de Arte e Cultura Amigos da Tradição, de Itajaí - SC

⁹ “Nome dado aos habitantes de Cima da Serra, descendentes de bandeirantes” (NUNES, 2010, p. 61). As pilchas dos “birivas” diferem-se das demias, assim como as frontiriças também possuem suas características próprias.

¹⁰ Imagem retirada da internet em 10/11/2010, às 21:50.



A segunda imagem exhibe um grupo de prendas da Invernada artística do CTG Aldeia dos Anjos, de Gravataí – RS. A primeira grande diferença, se compararmos à imagem anterior, trata da “uniformização” das pilchas, como Côrtes se refere. Todos os vestidos possuem o mesmo modelo, as mesmas cores, as mesmas “estampas”. Há o mesmo detalhe de flores aplicadas em todos eles. Esta é uma prática abolida pelo MTG de Santa Catarina, que adota os modelos desenhados por Marina Paixão Côrtes, mas comum no Rio Grande do Sul, onde as regras são ditadas pelo Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF). O tecido que compõe a maior parte do vestido é o cetim. Possui cor prateada e efeito sintético. A exuberância nos modelitos apresentados abaixo está em conformidade com o MTG-RS, e prova disso é que esta imagem foi feita durante a realização do Encontro de Arte e Tradição Gaúcha (Enart) de 2009, maior evento da arte tradicionalista no Rio Grande do Sul, organizado pelo MTG do estado.

IMAGEM 2¹¹

Fonte: <http://cantinhogaucho.blogspot.com/2010/09/prendas-antenadas-provam-que-o.html>



Prendas da Invernada Artística do CTG Aldeia dos Anjos, de Gravataí – RS

¹¹ Imagem retirada da internet em 11/11/2010, às 10:51.



Este é apenas um exemplo da disparidade entre regras de vestimentas, danças tradicionais e costumes existente entre um estado e outro. As regulamentações de usos adequados de pilchas e a lista de danças tradicionais a serem executadas nos concursos estaduais são responsabilidade do MTG. A CBTG, por mais que tenha essa missão “unificadora” do tradicionalismo, não funciona desta forma. A vontade que alguns pesquisadores têm em manter o tradicionalismo sendo praticado exatamente como há cem anos é impraticável. A cultura é dinâmica, assim como os indivíduos que a integram também são. Qualquer desejo de tornar as manifestações tradicionalistas homogêneas em todos os cantos do mundo será em vão.

Por mais que os MTGs se unam e criem suas regras em total acordo, e todos os CTGs passem a adotar as mesmas práticas, é preciso contar ainda com outra possibilidade. Semanalmente acontecem diversos bailes gauchescos que são realizados fora das entidades tradicionalistas filiadas ao MTG. Geralmente em salões das comunidades e centros de eventos, estas festas reúnem públicos extremamente variados. Nestes locais não há como proibir o uso equivocado de uma peça da indumentária tradicionalista, nem mesmo exigir que as regras dos MTGs sejam cumpridas. Trata-se de uma festa, como qualquer outra. Esta também é uma manifestação que gera alguns contrapontos. Passou-se a aceitar que este tipo de evento aconteça, e inibiu-se o uso da pilcha nestes casos. O que tem acontecido, porém, é que estas práticas estão entrando nos CTGs, e tornando estas entidades um local de convívio com a cultura tradicionalista para qualquer indivíduo, conheça ele ou não as regras existentes.

Família Harger e o CTG Chaparral¹² - Precursores do tradicionalismo gaúcho em Joinville

Para contar a história da família responsável pela criação e administração do CTG Chaparral, conto com a ajuda de Ciro Harger, um dos filhos de Tito, que acompanhou a chegada da família a Joinville em 1970. Naquela época, a família era composta pelos pais (João Francisco Harger e Gislaïne Liska Harger) e mais quatro

¹² O nome do CTG (inicialmente apenas uma fazenda da família Harger) é alusivo a um seriado exibido entre 1967 e 1971, chamado “Chaparral”, Criado por David Dortort, o seriado totalizou 98 episódios, que retrataram a família de John Cannon (Big John), sua esposa Victoria, o irmão Buck e o filho Bleau. Todos viviam em um rancho denominado “High Chaparral”.



filhos: Valcirio Fernando Harger (Ciro), Sergio Roberto Harger, Luis Ângelo Harger (Dude) e Gislei Rosa Harger (Zoca).

A origem tradicionalista da família vem de seus ancestrais. O pai de Tito possuía uma hospedaria para tropeiro em Bom Retiro, e o pai de Gislaine, morador de Lagoa Vermelha, no Rio Grande do Sul, um apaixonado por corrida de cavalos. Como os dois nasceram e foram criados no interior, logo se acostumaram com a lida com gado e cavalos. A vida na cidade não poderia abandonar essas origens. Boa parte de suas trajetórias têm registros na cidade de Lages, conhecida nacionalmente por ser berço do tradicionalismo gaúcho fora do Rio Grande do Sul, inicialmente por ser caminho dos tropeiros que passavam levando gado para São Paulo.

Além dos filhos de Tito e Gislaine, hoje a família conta com a presença dos netos para a preservação de sua história: Fernando Harger, Camila Harger, Henrique Harger, Luis Eduardo Harger, Leonardo Harger, Rafaela Harger e Lucas Tomaz.

A história tradicionalista da família em Joinville, porém, iniciou ao acaso. No ano de 1974 um cidadão conhecido por Lenço Preto procurou a família, propondo a realização de um rodeio na vasta propriedade (uma área de cinco milhões de metros quadrados) que possuíam. Tito, por sua vez, gostou da ideia e fez um acordo com Lenço Preto. Eles cederiam o terreno e a organização da festa ficaria por conta do tal cidadão. Com a divulgação da festa, porém, a família Harger percebeu a necessidade de ajudar na organização. Naquele ano, apenas um CTG prestigiou o evento.

Alguns meses depois da realização daquele rodeio, a família Harger decidiu levar o tradicionalismo adiante. A iniciativa do Sr. Lenço Preto poderia durar muitos anos. Porém, ao convidar amigos e pessoas conhecidas na cidade de Lages para participar das festividades, Tito tomou conhecimento de uma barreira: As autoridades do MTG não permitiriam que fosse realizado um rodeio crioulo, envolvendo diretamente o tradicionalismo gaúcho, sem que a entidade fosse registrada e devidamente regulamentada no Movimento Tradicionalista Gaúcho. Assim aconteceu. Segundo relatos de Tito, ele questionou o que era necessário para tal regulamentação. As taxas foram pagas e no mesmo dia a cidade de Joinville já podia contar seu primeiro Centro de Tradições Gaúchas.

O segundo rodeio aconteceu em 21 de abril de 1976. Neste ano, oficializava-se a criação do CTG Chaparral. A iniciativa da família com a criação do CTG deu ânimo aos joinvilenses e o CTG acolheu os rio-grandenses do sul que moravam na cidade. Joinville recebia um lugar para a preservação da memória gaúcha e, principalmente,



para a propagação do tradicionalismo. A cultura gaúcha mesclava-se à história da cidade, e a cultura joinvilense influenciava no tradicionalismo praticado no Chaparral.

Heterogeneidade Cultural - O que é visto nos eventos tradicionalistas de Joinville?

Identificar o objetivo das pessoas que procuram os rodeios, que freqüentam CTGs ou até mesmo que vão a bailes é uma tarefa difícil. O que se vê, de maneira geral, são pessoas de todas as idades, de variadas naturalidades, em busca de objetivos diversos. Durante a realização do 34º Rodeio Crioulo Nacional do CTG Chaparral, de 22 a 25 de abril de 2010, pude ver o quão heterogêneo era o público que estava presente.

Apesar de selecionar para as entrevistas apenas as pessoas que visualmente representavam participar do tradicionalismo gaúcho, pelo fato de estarem pilchados, me deparei com alguns curiosos, que utilizavam a pilcha como uma espécie de fantasia, sem preocupações com a experiência tradicionalista que vivenciavam. Quando questionei o que os motivou a ir para o rodeio, obtive as mais diversas respostas, inclusive “a mulherada” e “china¹³, bagunça e festa”. A procura pelo encontro de amigos e família em um ambiente que os lembre a terra natal (no caso dos que nasceram no Rio Grande do Sul) também foi lembrada. Neste caso, temos outro nível de vivência do tradicionalismo: o que se vê é um esforço pela manutenção da tradição, além da importância do tradicionalismo como uma experiência coletiva e familiar.

A grande maioria de pessoas que encontrei estava lá para fazer algum tipo de apresentação (ou para acompanhar algum parente ou amigo que faria uma apresentação). Tive grande dificuldade de encontrar mulheres pilchadas. Devido à chuva (e lama que havia acumulado em decorrência da chuva) ficaria complicado colocar vestido, armação, bombachinha, meia-calça branca e sapatilha. Ninguém arriscaria sujar o vestido. Somente as que tinham um compromisso, o de se apresentarem na Mostra Chão Farrapo da Cultura e Arte Gaúcha, promovido nas dependências do CTG Chaparral e com o apoio de seus proprietários.

Os que participaram da mostra artística representam com propriedade os tradicionalistas, de modo geral. Vieram de diversas partes do estado para contribuir com a cultura, demonstrarem sua paixão pelo tradicionalismo e reverem amigos. Deste

¹³ China: Termo que compõe o vocabulário campeiro gaúcho. É como se chama a mulher gaúcha (além de prenda). Geralmente trata de mulheres mais velhas.



modo, o tradicionalismo pode ser pensado como veículo e espaço para a construção e fortalecimento de vínculos sociais – familiares ou de amizade. Nesse sentido, a vivência das regras, das tradições, etc., parece apontar na direção de uma experiência coletiva cujo objetivo principal é a manutenção dos vínculos. Para os “migrantes”, esta possibilidade se torna ainda mais significativa, uma vez que, ao deixarem sua terra natal, precisam encontrar outros espaços para a vivência da cultura no seio de uma coletividade.

Analisando de forma quantitativa os dados obtidos com as entrevistas, é possível concluir que a grande maioria das pessoas participantes desse tipo de evento é natural do Rio Grande do Sul. Apesar disso, nota-se que boa parte das pessoas que participaram do rodeio mora em Joinville.

É possível perceber também a influência que estas pessoas que hoje frequentam os eventos tradicionalistas não foram absolutamente de seus ancestrais. Algumas pessoas possuem pais tradicionalistas ou que já se envolveram com o meio, outras afirmam que seus pais jamais tiveram contato com o tradicionalismo gaúcho. Boa parte destas pessoas teve conhecimento da cultura por meio de amigos, cursos de dança, bailes em geral.

Concluí, também, que as pessoas que estavam presentes ali, em sua maioria, realmente estão envolvidas com o Movimento Tradicionalista Gaúcho. Apenas duas pessoas que entrevistei disseram não serem filiadas a nenhuma entidade, e uma delas, Edson Copetti, afirmou que não possui vínculo com um CTG ou piquete específico, pois faz parte de um grupo musical que toca nas mais diversas entidades, não podendo tomar partido de um ou de outro lado. Além do rodeio citado, elas também afirmaram participar com assiduidade de outros eventos tradicionalistas. Apenas duas pessoas disseram que não costumam participar, mas justificaram que vão somente a bailes, ou somente a alguns rodeios. Enfim, todas elas mostraram-se envolvidas com o movimento que representavam.

Apesar destas evidências, pode-se concluir também que este grupo é bastante diversificado. Alguns dos entrevistados participam de provas campeiras, e não se interessam pelos grupos artísticos. Da mesma forma os entrevistados que participam dos grupos artísticos disseram que não acompanham as atividades campeiras. Há uma divisão muito forte no tradicionalismo gaúcho que separa essas duas áreas. Ciro Harger acredita que Santa Catarina hoje viva basicamente o campeirismo gaúcho, e que a parte artística dos CTGs já não tem a mesma força.



Uma evidência desse comentário é a Semana Farroupilha do mesmo ano. A cavalgada de abertura reuniu centenas de tradicionalistas, enquanto os dias de comemorações nas entidades contavam apenas com a participação de amigos e pessoas mais próximas, ou envolvidas diretamente com aquela entidade. Além dos cavalos, requisito que dá razão ao acontecimento, havia homens e mulheres das mais variadas idades. Jovens e crianças que, se não sabiam cavalgar ou não estavam em posse de um cavalo, desfilaram em charretes ou sobre um caminhão.

Quanto à noite de comemoração da Semana Farroupilha sediada pelo CTG Chaparral, a análise é diferente. As pessoas estão em um ambiente que proporciona conforto para as prendas utilizarem seus vestidos, com a instalação de um galpão para eventos, e propicia também atividades relativas ao campeirismo, na cancha onde ocorrem as laçadas¹⁴ e paleteadas, para representar plenamente a cultura tradicionalista gaúcha. Nesta noite, foi possível encontrar peões pilchados à moda do MTG¹⁵ ou à moda dos bailes comuns em Joinville. Algumas prendas estavam vestindo a indumentária masculina, outras exibiam seus vestidos rodados, bordados, de cetim... Enfim, não cabe julgar se esta é ou não uma atitude correta. Há quem ache positivo, por perceber a abertura destes espaços a novas manifestações culturais, e há quem abomine essas práticas por acreditarem que elas “deturpem” a imagem do tradicionalismo gaúcho.

Estes eventos expressam um pouco do que Hartmann (2004) defendeu em sua tese, onde a “fronteira” perde seus limites e todos os envolvidos naquelas comunidades tornam-se pertencentes à mesma cultura, a uma cultura de fronteira que se define mais pelas práticas, costumes e tradições compartilhadas do que pelas divisas geográficas. Independente das distâncias que Joinville tenha do Rio Grande do Sul, aqueles personagens são também integrantes da cultura tradicionalista gaúcha.

João Severo Lima da Silva, um dos idealizadores da Semana Farroupilha em Joinville, nos ajuda a compreender que, mesmo passados mais de 20 anos da instalação do CTG Chaparral, as pessoas ainda não viam com naturalidade o tradicionalismo em Joinville. A interpretação geral era de que esta era uma cultura pertencente ao Rio Grande do Sul. Citando a Revolução Farroupilha e a participação de Anita Garibaldi,

¹⁴ Prova típica dos rodeios crioulos, na qual o peão deve laçar o boi pelos chifres.

¹⁵ O Movimento Tradicionalista possui normas de indumentárias, que determinam como deve ser a manga das camisas, a abotoadura da bombacha, o tecido do lenço, etc. Algumas das vestimentas utilizadas em bailes não respeitam essas exigências (nem mesmo têm esse dever). Em centros de eventos que não possuem qualquer relação com o tradicionalismo, mas realizam bailes com o tema gauchesco, é impossível controlar a pilcha de cada um dos participantes, por isso estes ambientes são considerados mais “livres”.



Lima consegue justificar a participação catarinense naquela cultura (informação verbal¹⁶). Ana Maria de Jesus Ribeiro torna-se, assim, um elo de ligação com a cultura tradicionalista, e um meio de legitimar o direito do catarinense de ser gaúcho. Trata-se de um conjunto de práticas e tradições cuja construção se dá no presente. Eles não estão apenas reproduzindo uma prática cultural “importada” do Rio Grande do Sul, mas construindo um tradicionalismo gaúcho particularmente catarinense, por maiores que sejam os vínculos com o RS.

A chama crioula, símbolo criado por Paixão Côrtes, também está presente nas comemorações em Santa Catarina. As bandeiras enfileiradas sobre a charrete que a translada são, na seqüência, do Movimento Farroupilha de Joinville, de Santa Catarina, do Brasil e da cidade de Joinville. A bandeira rio-grandense, criada durante a Guerra dos Farrapos, não é apresentada em nenhum dos dias da Semana Farroupilha. Ali, têm-se ainda mais a impressão de que o que querem os gaúchos de Joinville é justamente mostrar que não precisam de vínculos oficiais com o estado vizinho para se considerarem gaúchos.

A opinião expressa por Tito é a de que os dois estados caminham unidos no tradicionalismo. As diferenças estão na forma com que cada um dos estados manifesta os costumes gaúchos. Apesar de construírem uma tradição distinta daquela partilhada no Rio Grande do Sul, os tradicionalistas catarinenses se consideram igualmente gaúchos. O critério que define quem pode ou não utilizar a terminologia é exclusivamente o culto às tradições. O fato de não terem nascido no Rio Grande do Sul não os retira o direito de serem denominados gaúchos.

O projeto de lei nº 125/10, apresentado pelo deputado Reno Caramori, faz referência à terminologia empregada, defendendo o uso do termo “gaúcho” para o homem do campo das regiões meridionais da América do Sul. A lei foi sancionada dia 03 de setembro de 2010 e representa um avanço para os tradicionalistas catarinenses. Ela garante que as festividades realizadas pelo MTG sejam “declaradas patrimônio histórico, artístico e cultural do Estado de Santa Catarina”¹⁷. O artigo segundo desta mesma lei, por sua vez, autoriza “o Governo do Estado a incluir no calendário oficial de eventos, as festividades agendadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina”. As afirmações de Lima registradas no evento demonstram a importância do documento para o tradicionalismo gaúcho. Confere direito aos tradicionalistas

¹⁶ Informação obtida em 16/09/2010, durante a realização da Semana Farroupilha de Joinville.

¹⁷ Fonte: <http://www.alesc.sc.gov.br/proclgis/individual.php?id=PL/0125.2/2010>. Acessado em 28 de novembro de 2010, às 11h38.



catarinenses de se sentirem integrantes desta cultura, e garante que ela também pode ser integrante do patrimônio cultural de Santa Catarina.

Sem dúvida, a lei é uma grande conquista dos tradicionalistas catarinenses, embora não influencie diretamente o dia-a-dia dos CTGs. Ela se torna um instrumento de legitimação do tradicionalismo gaúcho enquanto aspecto da cultura catarinense. Por mais que a identidade tradicionalista seja construída nas bases do compartilhamento de uma tradição, os instrumentos legais atribuem direitos e reconhecem a cultura gaúcha como parte da cultura catarinense.

A iniciativa da família Harger possibilitou a difusão dessa cultura e os resultados são vistos até hoje. Vários joinvilenses passaram a aderir ao movimento e hoje são tradicionalistas. Os filhos e netos de Tito demonstram interesse em dar continuidade ao projeto, sinal de que provavelmente o CTG Chaparral ainda vai realizar muitos rodeios em Joinville.

Considerações Finais

O desejo expresso em todos os depoimentos obtidos na Semana Farroupilha e também no Rodeio Crioulo do CTG Chaparral é unânime. Todos pedem que seja mantida acesa a chama do tradicionalismo, e expressam também o desejo de que ela seja levada cada vez mais longe. Quanto à cultura tradicionalista em Joinville, parece haver uma luta ainda maior para que seus participantes não se sintam discriminados por fazerem parte de uma cultura oriunda de outro estado. Lima afirma “Nós todos somos iguais”. Ao comemorar o 10º ano de comemoração da Semana Farroupilha ele pede que esta atitude se repita pelos próximos anos, e lembra que o futuro do tradicionalismo está hoje nas mãos das crianças que o praticam. Esse parece ser o desejo de todos os tradicionalistas, e a impressão que se tem ao ver crianças tão envolvidas com essa cultura é a de que realmente ela ainda vai durar muitos anos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACRI, Edison. **O gaúcho; uso e costumes**. Porto Alegre: Grafosul, 1985.
- BRAZ, Evaldo Muñoz. **Manifesto Gaúcho**. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 2000.
- CÔRTEZ, João Carlos d'Ávila Paixão. "Guardião da cultura gauchesca". **Jornal Clube do Aposentado PanVel**, RS, nº 48, ano 5, 2007.
- _____. **Tradicionalismo Gauchesco – Nascer, Causas & Momentos**. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2001.
- _____. **Bailes e Gerações dos Bailares Campestres**. Florianópolis, SC: IOESC, 2002.
- DAMATTA, Roberto. "Você tem cultura?". **Explorações: Ensaios de sociologia interpretativa**, RJ, Rocco, 1986.
- FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 3ª edição. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1990.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 8ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _____. "Quem precisa da identidade?". **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HARTMANN, Luciana. **Aqui nessa fronteira onde tu vê beira de linha tu vai ver cuento...: tradições orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**, RJ: Zahar, 2006.
- NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul**. 12a. ed. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 2010.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo** 2ª ed. São Paulo, SP: Unesp, 2006.
- OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.